

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

END. TEL.: D I B O A — TELEX.: 363
TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO
EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA

INAUGUROU-SE A PONTE que recebeu o nome do Chefe do Governo

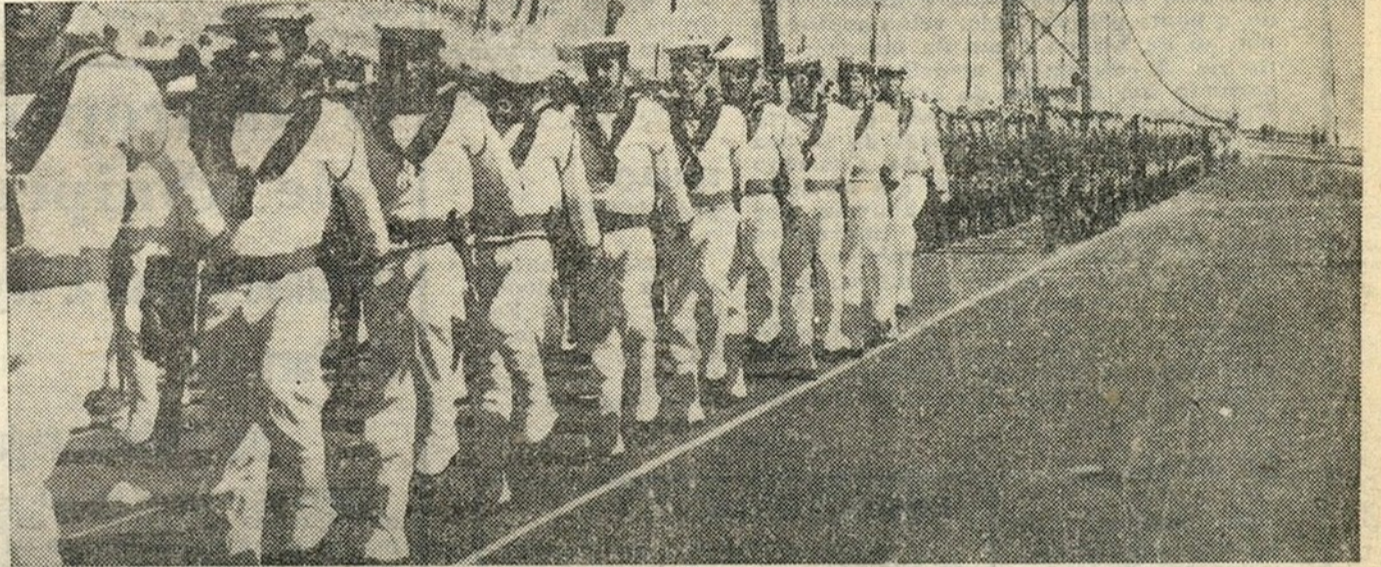
A OBRA E A SUA PROJECCÃO

Pode discordar-se da obra. Pode discutir-se a oportunidade que se escolheu para a erguer. Pode duvidar-se das suas vantagens económicas. Pode defender-se a opinião de que a avultada soma que nela se despendeu podia ser investida em empreendimento mais reprodutivo e que trouxesse mais benefícios ao País. (Não falta quem defenda a ideia de uma auto-estrada que atravessasse Portugal de Norte a Sul, desde a fronteira do Minho às praias do Algarve, e que constituiria, por assim dizer, a espinha dorsal de uma rede de comunicações que muito beneficiaria a economia nacional.)

Seja como for, a obra está feita.

Ninguém se atreverá a negar-lhe utilidade, e não pode deixar de nos encher de satisfação, sejam quais forem os argumentos mais ou menos capciosos que se invoquem em seu desfavor ou as razões mais ou menos válidas que, na opinião de alguns, a tenham desaconselhado. Mas não passará,

(Continua na 12.ª página)



As Forças Armadas, marchando a partir da ponte, no desfile perante o Chefe do Estado

O CALENDÁRIO DO GRANDIOSO EMPREENDIMENTO

1953 — Em 16 de Junho, por uma portaria conjunta dos Ministérios das Obras Públicas e Comunicações foi nomeada uma comissão para estudar a solução do problema das ligações rodoviária e ferroviária entre as duas margens do Tejo.

1957 — A comissão apresentou o seu relatório (relator eng.º Guimarães Lobato) concluindo pela ligação das duas margens, em ponte ou em túnel, com viabilidade técnica e financeira. Por proposta do ministro Arantes e Oliveira, foi decidido incluir a construção da ponte no II Plano de Fomento.

1958 — Foi criado o Gabinete da Ponte sobre o Tejo, em 2 de Maio, e confiada a sua direcção ao eng.º Canto Moniz.

1959 — Em 27 de Abril foi aberto concurso publico internacional para a realização da obra.

1960 — Em 3 de Março procedeu-se á abertura das propostas. Houve quatro concorrentes.

1961 — Em 25 de Fevereiro foi assinado o contrato para a realização da obra, com a firma United States Steel Export Company. Em 3 de Novembro, foi apresentado o projecto definitivo da obra.

1962 — Em 9 de Maio foi aprovado o projecto, correspondendo á adjudicação definitiva da obra.

1962 — Em 5 de Novembro principiou a construção, prevista para terminar em 5 de Fevereiro de 1967.

1966 — Em 6 de Agosto, a ponte foi inaugurada com seis meses de antecedência.

O Presidente da República ladeado por todo o Ministério, representantes de muitas nações e milhares de pessoas procedeu à abertura simbólica do tráfego

Quando o sol começou, esta manhã, a iluminar o vasto estuário do rio, onde se recortavam, imponentes, aos primeiros raios de luz, as estruturas de aço da admirável obra — que é a Ponte de Lisboa — já filas ininterruptas de veículos procuravam fazer a travessia. Na Praça da Portagem havia milhares de pessoas. Era intenso o movimento desde as 7 horas.

Os parques de automóveis começaram a encher-se, e nos pontos altos, nomeadamente para os lados do Cristo-Rei, viam-se grupos numerosos de populares em busca dos pontos de melhor observação.

Sobre a ponte eram quatro as

filas de carros — pois o trânsito fazia-se sómente no sentido Lisboa-Almada, mas com tal intensidade, que era impossível registar todas as entidades que iam chegando para assistir á inauguração.

A partir das 9 horas a ponte começou a ser sobrevoada por helicópteros e aviões da Força Aérea, enquanto o sol aquecia progressivamente, a prometer um dia quente.

Ao longo da Praça da Portagem, junto das tribunas — onde foram desfraldadas bandeiras de todos os municípios — e mesmo á entrada da ponte, os serviços de policiamento estavam reforçados por ope-

rários — de capacete — das várias empresas que participaram na construção da grande obra.

A partir das 9 horas começaram efectivamente a atravessar a ponte os carros que transportavam entidades oficiais e outras particulares como convidados.

A Praça da Portagem, ladeada por centenas de pendões verdes-ruibros, ia tomando um aspecto grandioso. Através de indicações dadas pelos alfalantes os convidados iam ocupando os seus lugares. As 10 horas, surgiu o carro do sr. Presidente do Conselho, que estacou junto ao edifício da Portagem, para o Chefe do Governo repousar ali alguns momentos.

Já com a guarda de honra formada — contingentes do Exército e da Marinha e M. P. — de ambos os lados da tribuna, bandas de musica evolucionavam na Praça, enquanto se aguardava a chegada do Chefe do Estado.

Uma concentração espectacular

Num enquadramento muito vistoso, nos dois lados da tribuna pre-

sidencial, flutuavam as bandeiras de todos os Municípios do Continente, das Ilhas e do Ultramar.

(Continua na página central)

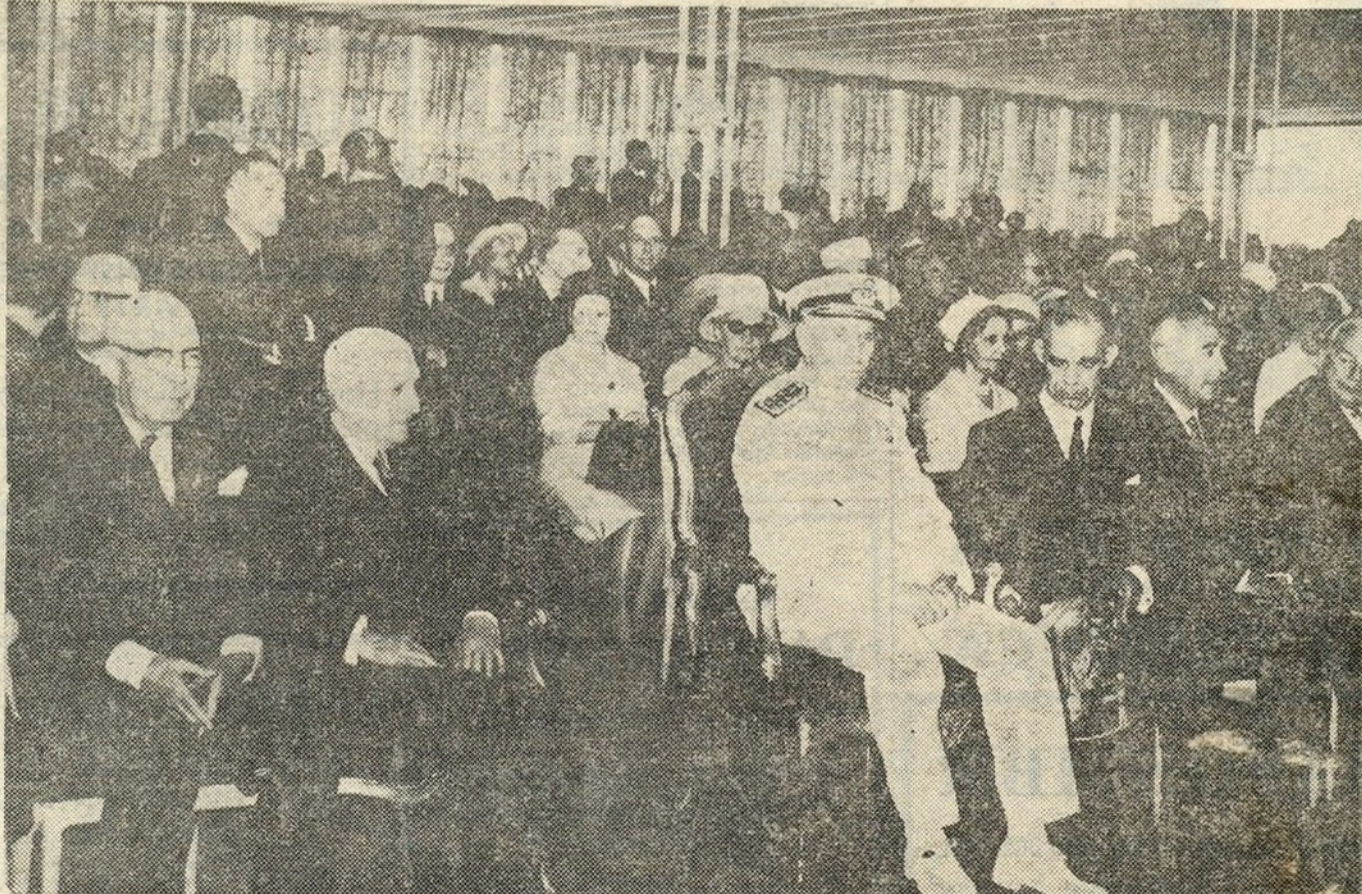
Numerosos europeus fogem do Congo

BANGUI, 6 — (F. P.) — Numerosos europeus do Nordeste do Congo estão a refugiar-se na Republica Centro-Africana.

Todos eles confirmam a declaração do general Mulamba, em Kinshasa, no sentido de que os incidentes continuam na Provincia Oriental.

Os refugiados, que provêm nomeadamente da região de Isiro (ex-Paulis) e Niangbara, atravessaram o rio Ubangui.

Contam brancos recém-chegados a Bangui (capital da Republica Centro-Africana) que muitas centenas de europeus teriam fugido do Nordeste do Congo, sobretudo quando os polícias militares katanguenses, em rebelião contra o Governo central, atacaram a Provincia Oriental. Segundo o director da central eléctrica de Isiro, refugiado em Bangui, não se encontra, agora, um só europeu naquela cidade, que foi totalmente saqueada.



O Chefe do Estado, ladeado pelo Chefe do Governo e pelo ministro das Obras Publicas, na tribuna presidencial

COMENTÁRIO
INTERNACIONAL
de CARLOS FERRÃO

(Ler na página 7)

44 PÁGINAS

HOJE

MAGAZINE

VISADO PELA CENSURA

Lisboa despovoou-se desde muito cedo e a população acorreu às duas margens do Tejo para presenciar a inauguração da ponte e o desfile do cortejo fluvial

Lisboa levantou-se mais cedo. Houve quem abalasse já ontem da cidade, em gozo de fim de semana, aproveitando este sábado de portas fechadas e de ponte aberta — mas é cunha... O lisboeta de gema, que todo se espana por estas coisas, resolveu não perder pelo meio de um sábado de festas, os milhares de forasteiros vindos dos mais diversos pontos do País, atraídos pelo ar do século XX: a ponte de Alameda. O acontecimento valia bem um sacrifício. A partir das 7 da manhã juntavam-se já os primeiros curiosos na zona de Alcântara. Santa Avelar, por seu movimento nas carreiras de acesso (elétricos e autocarros). Primeiros comercios ambulantes: quinquilharias,

tados pelo saco de fibra sintética, farnéis a contento do consumidor, para o que der e vier... A inauguração não se prolongaria até tarde, mas de qualquer forma havia que assentar ideias... A ponte como estímulo gastronómico, eis a primeira nota impressa da romaria.

Piqueniques a meio do manhã e gente por toda a parte

O Campo das Cebolas encheu-se de camionetas de passageiros. Dis-

so do autocarro, pintados a negro sobre fundo branco, liam-se estas palavras: «Gerações da Ponte». A Beira organizada por António Gonçalves.

No toldinho de uma camioneta de Olhão, três algarvios petiscavam costeletas panadas e febras de porco, com o garrafão ao lado. A vertigem das «alturas» não os affligia.

vamente, vindo sinaleiros de Angola. Bem tempo mesmo, para a inauguração da ponte. Ah, sim, ouvia dizer qualquer coisa no hotel... Indicámos-lhe as imediações da ponte: ali estavam os sinaleiros.

— Vou passar por lá. Na Alemanha vêm-se muitos negros das formações americanas. Por vezes mais delicadas que os brancos, sabe?



— Cenas idênticas no parque de estacionamento da Ribeira das Naus. Um mar de camionetas. Um engraxador a aproveitar a ocasião (os frequentes encostavam-se a uma camioneta e a fileira movia-se com singular aplicação); uma vendeadora de quinquilharias com estatuetas do «Cristo-Rei de Almada» de plástico, ladeado por dois aninhos de azeite dourado... A. \$500, 750 e 1250, sem desconto... Mais disticos ao longe, a assina-

— Mas disticos ao longe, a assina-
— Mas disticos ao longe, a assina-
— Mas disticos ao longe, a assina-
— Mas disticos ao longe, a assina-

— Mas disticos ao longe, a assina-
— Mas disticos ao longe, a assina-
— Mas disticos ao longe, a assina-
— Mas disticos ao longe, a assina-

— Mas disticos ao longe, a assina-
— Mas disticos ao longe, a assina-
— Mas disticos ao longe, a assina-
— Mas disticos ao longe, a assina-

— Mas disticos ao longe, a assina-
— Mas disticos ao longe, a assina-
— Mas disticos ao longe, a assina-
— Mas disticos ao longe, a assina-

— Mas disticos ao longe, a assina-
— Mas disticos ao longe, a assina-
— Mas disticos ao longe, a assina-
— Mas disticos ao longe, a assina-

— Mas disticos ao longe, a assina-
— Mas disticos ao longe, a assina-
— Mas disticos ao longe, a assina-
— Mas disticos ao longe, a assina-

No Alto de Santa Catarina

Um empregado da A. P. T. informou-nos em Santos: — Sabes onde está um por de gente? No Bairro do Alvíto. Vive lá. A mulher e os três filhos foram para casa de uma vizinha, que tem uma rica varanda com toldo. Mece o nosso deinho era o Alto de Santa Catarina, onde deparámos com muitos curdos. Um técnico de óptica procedia à verificação do seu paracósmico.

Ainda chegaram hoje

— Os garotos estragaram-me esta coisa... Um inválido abria passagem com a cadeira rodada infernal, ao que se acantonavam que se desmorinava ao longo, um cavaleiro de meia idade lá calmamente o jornal. Bem frenos, o registo e a vigilância no sentido de não deixarem ninguém «stapar a vista». Uma poltrona de orquestra não é coisa para perder.

Um vistoso cortejo fluvial

desfilou sob a ponte com a «Sagres» de velas ao vento. O ministro da Marinha havia determinado que a Armada se fizesse representar condignamente, através da sua presença no rio, na cerimónia da inauguração da ponte de Lisboa.

Ainda chegaram hoje

— Os garotos estragaram-me esta coisa... Um inválido abria passagem com a cadeira rodada infernal, ao que se acantonavam que se desmorinava ao longo, um cavaleiro de meia idade lá calmamente o jornal. Bem frenos, o registo e a vigilância no sentido de não deixarem ninguém «stapar a vista». Uma poltrona de orquestra não é coisa para perder.

Todas as forças armadas tiveram larga participação na cerimónia da inauguração da ponte

(Continuação da 1.ª página)

Entretanto, nas tribunas imediatamente a seguir à ponte, encontravam-se, de pé, os cadetes da Escola Naval, a Academia Militar e numerosos filiados da M. P. e da M. P. F., alunos da Casa Fia de Lisboa e formações de escuteiros, com os seus respectivos guias. Por detrás destes, viam-se, ainda, estandartes de organismos corporativos. Os convidados para acompanhar a cerimónia chegaram a Lisboa por um grupo de trinta «shossesses» do Gabinete da Ponte, cujo fardamento, totalmente concebido e desenhado pelos técnicos da Ponte, compunha-se de uma blusa creme e saia e chapéu da cor vermelho-tijolo, em que já está pintada a parte superior da obra, e que será, aliás, a sua cor definitiva.

Em lugar especial, à direita, ficou o sr. cardeal-patriarca de Lisboa, que procederia à bênção da ponte. À esquerda, no enfimamento da primeira fila da tribuna principal, ficou a sr.ª D. Gertrudes Thomaz, ladeada pelas esposas do presidente da Assembleia Nacional e do ministro das Obras Públicas, do presidente do Supremo Tribunal de Justiça e do eng.º Canto Moniz.

Em lugar especial, à direita, ficou o sr. cardeal-patriarca de Lisboa, que procederia à bênção da ponte. À esquerda, no enfimamento da primeira fila da tribuna principal, ficou a sr.ª D. Gertrudes Thomaz, ladeada pelas esposas do presidente da Assembleia Nacional e do ministro das Obras Públicas, do presidente do Supremo Tribunal de Justiça e do eng.º Canto Moniz.

A chegada do Chefe do Estado

Às 10 e 25, o Presidente do Conselho deu entrada, por entre aplausos, na tribuna, onde foi recebido pelo ministro da Marinha e Publicas e pelo eng.º Canto Moniz.

Multidão em silêncio

— a escutar a «Aleluia» São 10 e 43. Exactamente dois minutos antes da hora marcada, faz-se silêncio e um coro misto do Grupo Coral «Stella Vitas» entoava a «Aleluia», de Haendel. Desde depois um silêncio grande, admirador, sobre a Praça da Portu-

Um vistoso cortejo fluvial desfilou sob a ponte com a «Sagres» de velas ao vento

Um ministro da Marinha havia determinado que a Armada se fizesse representar condignamente, através da sua presença no rio, na cerimónia da inauguração da ponte de Lisboa.

Ainda chegaram hoje

— Os garotos estragaram-me esta coisa... Um inválido abria passagem com a cadeira rodada infernal, ao que se acantonavam que se desmorinava ao longo, um cavaleiro de meia idade lá calmamente o jornal. Bem frenos, o registo e a vigilância no sentido de não deixarem ninguém «stapar a vista». Uma poltrona de orquestra não é coisa para perder.

Um vistoso cortejo fluvial

desfilou sob a ponte com a «Sagres» de velas ao vento. O ministro da Marinha havia determinado que a Armada se fizesse representar condignamente, através da sua presença no rio, na cerimónia da inauguração da ponte de Lisboa.

A CARRIS COMUNICA

CARRIS

CARREIRA N.º 52: ALCANTARA-CENTRO SUL

Esta carreira será inaugurada, hoje, dia 6, logo que a ponte sobre o Tejo for aberta ao tráfico de veículos. A partida dos autocarros, em Alcântara, será efectuada no Centro de Coordenação Norte, na Avenida de Ceútas.

TARIFAS
Alcântara
4\$00 Centro Sul

FREQUÊNCIAS MINIMAS

Um autocarro por hora entre as 7 e as 21 horas, nos dias úteis, domingos e feriados.

NOTA: Excepcionalmente, a tarifa a cobrar nos dias 6 e 7 será de 2\$50 por não funcionar a portagem, mas a partir do dia 8, inclusive, a tarifa a cobrar será aquela já estabelecida por lei — 4\$00.

BILHETES DE ASSINATURA

Mais se comunica que os bilhetes de assinatura em autocarros, emitidos ou a emitir, não conferem aos seus titulares o direito a transporte através da PONTE DO TEJO, para o qual seu percurso deverá ser adquirido, no autocarro, bilhete especial para a travessia.

Lisboa, 6 de Agosto de 1966.

A ADMINISTRAÇÃO

Fornecedora do Corpo Diplomático
Fundada em 1895
A MAIOR VARIEDADE
EM PRATAS ARTÍSTICAS
162, Rua de S. Paulo, 162-B
Teléfono 300 4110 LISBOA

RELOGÍOS

De todas as marcas, máxima garantia, preços de concorrência

GRANDE OURIFARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 27

A CAPA DO «MAGAZINE»

Publicamos na capa do «Magazine» de hoje uma vista de Lisboa com a sua nova ponte, da autoria do nosso colaborador e consagrado pintor Carlos Botelho, o artista cuja obra está intimamente ligada à capital.

O general Muñoz Grandes (fardado de branco) cumprimentava o Chefe do Governo

CORRIDA DE GALA À ANTIGA PORTUGUESA

Integrada nas Festas da Cidade, promovidas pela Câmara Municipal de Lisboa

EM AMBIENTE RICAMENTE DECORADO

o a que se digna assistir

O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA

CAVALEIROS

MANUEL CONDE — D. JOSÉ ATÁIDE

MALDONADO CORTES — MESTRE BATISTA

JOSÉ NÚNCIO — JOSÉ LUPI

FORCADOS

AMADORES DE SANTARÉM

comandados por Rhoades Sérgio

6-TOIROS DE JOÃO B. NÚNCIO-6

Bilhetes a vender nos locais do costume
(Telefs. 76 15 39, 77 18 19, 3 07 69, 5 32 1712)

Nos discursos que se proferiram na cerimónia destacou-se a importância da ponte para a economia e para o turismo nacionais

(Continuação da página anterior)

Portugal, uma obra pela qual a Nação ansiava há quase um século, pois, de facto, já vão passados quase 100 anos desde que surgiu a primeira ideia concreta para vencer o Tejo, em Lisboa. É a hora que vivemos nesta ocasião é alta, porque vai começar a ser utilizada uma das mais importantes obras previstas no planeamento de valorização nacional, elaborado e lançado pelo Governo, e que está destinada a ter um efeito da maior transcendência no desenvolvimento do Sul do País e, em particular, da região de Lisboa.

«Hora alta — prosseguiu — porque ela revela de forma incontroversa a segurança com que se planeou e pôe em execução um plano nacional de valorização no seu conjunto, como pode e deve ser conduzido todo o planeamento e lançamento de uma grande obra pública que compreende, ela mesma, um conjunto de realizações cada uma das quais já de si importante e excepcional. A hora que estamos a viver tem para nós um significado extraordinário como responsáveis directos pelo planeamento, lançamento e execução desta obra, e como representantes do grupo de técnicos que tiveram a honra de colaborar nesta tarefa. O que vai no nosso coração é difícil de exprimir.»

«E se há obras que falem por si, mostrando a sua grandeza e as dificuldades técnicas para a sua realização, a ponte sobre o Tejo é, sem dúvida, uma delas.»

Uma obra planeada com segurança

«Esta obra — continuou — foi planeada com toda a segurança, e o perfeito conhecimento que tínhamos da sua importância levou-nos a planejar a sua execução por forma a reduzir-se ao mínimo o tempo para a realizar. É, pois, com a maior satisfação que damos praticamente por concluída a nossa tarefa com seis meses de avanço sobre a data prevista, reduzindo-se, assim, de 51 para 45 meses o tempo de construção da ponte sobre o Tejo e do conjunto dos seus acessos rodoviários que comportam 15 quilómetros de auto-estradas e 32 estruturas de betão armado e, ainda, um dos maiores viadutos do mundo do seu género.»

O sr. eng.º Canto Moniz disse depois:

«Este excelente resultado foi possível pela alta competência da firma adjudicatária, a United States Steel International (New York) Inc., e das suas 18 associadas, 11 das quais são portuguesas, e pela excelente qualificação dos operários empregados na obra. Para realizar este empreendimento tivemos de escavar e transportar 6,5 milhões de metros cúbicos de solos e rochas, de fabricar e moldar em fundações e estruturas cerca de 300 000 metros cúbicos de betão e de fabricar e montar 80 000 toneladas de aço, utilizando o trabalho de 1 825 000 homens-dia.»

«Na hora do agradecimento»

O orador dirigiu depois os «agradecimentos a Deus, por nos ter concedido o privilégio de realizarmos esta obra e de vivermos estes momentos inesquecíveis; ao Governo, pela confiança que em nós depositou e pelos meios que pôs á nossa disposição para a realização da nossa tarefa; ás organizações financiadoras e bancárias, sem esquecer os bancos comerciais, pela grande colaboração que nos deram, merecendo uma referência muito especial o Export Import Bank de Washington e o nosso Banco Nacional Ultramarino; a firma adjudicatária, e a todas as suas associadas, pela dedicação e competência com que se desempenharam das suas tarefas com um alto espírito de cooperação, entre si e com o Estado; aos operários que realizaram a obra, pois podem orgulhar-se da qualidade do trabalho produzido; aos engenheiros e a todo o pessoal do Gabinete da Ponte sobre o Tejo, do Ministério das Obras Públicas, pela dedicação e competência inultrapassáveis com que se deram á tarefa de planear, lançar e conduzir todo este grande empreendimento, envolvendo-se neste agradecimento todos os consultores técnicos deste organismo e todos aqueles que tão devotadamente elaboraram os estu-

dos que permitiram ao Governo decidir a realização da obra.»

Referiu depois todas as entidades oficiais e particulares que foram chamadas a colaborar no empreendimento — á Junta Autónoma de Estradas, ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil, á Administração-Geral do Porto de Lisboa, aos Serviços do Ministério das Finanças e ás Camaras Municipais de Lisboa e Almada.

Teve o orador palavras de especial júbilo em homenagem e agradecimento muito especiais devidos neste momento a um homem que há mais de 12 anos vem queimando a sua vida num extraordinário esforço intelectual e físico á frente da tarefa das Obras Públicas deste País — o engenheiro Eduardo de Arantes e Oliveira, com um sentimento apurado da importância que tem a continuidade da administração pública.»

Agradeceu aos órgãos de informação — a Imprensa, a Rádio e a Televisão — a cobertura que deram á construção da ponte sobre o Tejo e a sua «alta compreensão em to-

O OPERÁRIO PORTUGUÊS ELOGIADO PELO REPRESENTANTE DOS EMPREITEIROS AMERICANOS

Falou em segundo lugar o presidente da United States Steel Corporation, sr. Roger Blough, o qual começou por dizer que a obra foi adjudicada «ao vencedor do concurso publico internacional, e nós, da United States Steel, não só ficamos agradecidos e honrados por termos sido os licitadores melhor sucedidos na competição, como ficamos orgulhosos de poder aceitar o encargo de construir esta monumental obra.»

E disse:

«Mas, para além das suas medidas e da sua beleza, a verdadeira maravilha acerca desta ponte é o facto de ela permanecer como permanente monumento ás realizações criadoras só possíveis pela cooperação industrial entre povos de duas nações e dois hemisférios diferentes. Por isto, esta ponte representa a colaboração mais estreita entre centenas de pessoas durante um período de muitos anos.»

Pela concepção original do seu desenho, financiamento, fabrico e construção, trouxe uma íntima associação entre diversos e notáveis talentos numa escala verdadeiramente internacional. E para nós, a maior fonte de satisfação é, provavelmente, a oportunidade e privilégio que tivemos em trabalhar com o vosso notável Gabinete da Ponte que tanto ajudou e associou todo esse talento e saber.»

O sr. Blough saudou depois o ministro das Obras Públicas e outras entidades nacionais e estrangeiras que trabalharam para a ponte, incluindo a Sorefame, e afirmou que «as qualidades que os seus operários demonstraram no fabrico das partes essenciais da estrutura foram tão boas como as melhores que se encontram em qualquer parte do mundo», pelo que os felicitava pela «excepcional qualidade do seu trabalho.»

Lembrou que «conseguimos terminar o nosso trabalho bem antes do termo primitivamente estabelecido para a finalização desta ponte.»

E afirmou:

«Ligando Lisboa com uma área que, até agora, se tornava difícil alcançar por terra, esta ponte abre novos horizontes — sob os pontos de vista figurado e literal — a todo o Portugal, devendo trazer uma nova e ainda maior unidade a todos os portugueses. É curioso como monumentos feitos pela mão do homem conseguem simbolizar algumas das maiores cidades do Mundo. A estátua da Liberdade, por exemplo, e o Empire State Building, tornaram-se os símbolos de Nova York e a Torre Eiffel é o símbolo de Paris. Creio que, do mesmo modo, este estreito arco de aço que atravessa o Tejo — juntamente com a figura inspiradora do Cristo-Rei, que o domina — se tornará no futuro o símbolo de Lisboa — não só para os viajantes do mundo, mas para as gerações de crianças que aqui e noutros países se debruçam sobre os seus livros de Geografia.»

dos os momentos desta batalha para erguer a obra, sem esquecermos as críticas e sugestões que nos fizeram e que, no seu conjunto, consideramos uma valiosa colaboração que nos foi prestada.»

E a terminar, o eng.º Canto Moniz afirmou:

«Daqui a momentos vai V. Ex.º entregar á Nação uma notável obra de engenharia do nosso tempo. Neste momento solene, nós desejamos pedir que ela seja considerada muito mais do que uma bela obra que um Governo ciente das suas altas responsabilidades tornou possível — desejamos que esta obra seja considerada como um verdadeiro símbolo da confiança que nós, portugueses, temos em nós próprios para planear e realizar as nossas obras, por maiores que elas sejam, em todas as circunstâncias da vida nacional. Desejamos, também, que esta obra venha a ser considerada pelas gerações futuras não só um valioso instrumento de trabalho da nossa geração, mas também uma verdadeira mensagem que lhe deixamos — mensagem de fé que temos nos destinos da nossa Pátria.»

Terminou saudando o Chefe do Estado e formulando «o desejo de que esta magnífica ponte continue a ser — como já o é — um laço que faça com que, no futuro, os povos dos nossos dois países se aproximem cada vez mais.»

Uma alocução do presidente do Município de Almada

Falou a seguir o dr. José Glória Pacheco, presidente da Câmara Municipal de Almada, para exaltar o que este empreendimento representa no quadro da valorização do País, sob múltiplos aspectos.

E afirmou:

«Realizaram-na no momento em que estamos envolvidos numa tremenda guerra, que nos foi imposta e vai consumindo vidas e fazenda. Esta obra simboliza bem a tempera da Nação Portuguesa. Enquanto uns se batem de armas na mão em defesa do solo pátrio, outros na retaguarda vão pacificamente edificando o futuro para as novas gerações. Entre os obreiros deste milagre figura em primeiro lugar o professor de Finanças de Coimbra, que vem sacrificando a sua vida ao serviço da Pátria, sem cuidar de saber do valor do sacrificio feito e tendo só um pensamento a norte-lo.»

Saudou o ministro das Obras Públicas e o eng.º Canto Moniz e disse:

«A ponte vai transformar completamente a feição deste concelho. Nós vamos passar a ser considerada zona privilegiada de turismo — a Costa da Caparica e suas praias ficarão a menos de 20 minu-

O lançamento da linha férrea sobre a ponte hoje inaugurada deve verificar-se em futuro próximo — declarou hoje o ministro Arantes e Oliveira

«Usou então da palavra o sr. eng.º Arantes e Oliveira, o qual começou por dizer:

«Vive hoje a Nação portuguesa um dia de glória com a conclusão deste empreendimento, grandioso na sua envergadura e nos benefícios que dele se podem esperar para todo o País. A aspiração de muitas gerações, insatisfeita durante quase um século de repetidas tentativas, tornou-se finalmente em realidade — nesta magnífica realidade que temos diante de nós.»

Depois de saudar o Chefe do Es-

tado e o Presidente do Conselho, afirmou:

«Vão passados precisamente noventa anos sobre a data em que o engenheiro Miguel Pais, a cuja memória rendemos a homenagem devida ao técnico distinto e ao esforçado pioneiro, apresentou á Associação dos Engenheiros Civis Portugueses a primeira sugestão de atravessamento do estuário do Tejo por meio duma ponte que haveria de prolongar até Lisboa as comunicações do Sul e do Sueste do País. Se não logrou êxito esta primeira tentativa, pertence-lhe pelo

Palavras do general França Borges

Usou em seguida da palavra o sr. general França Borges, que começou por dizer:

«O Tejo, a velha estrada de Lisboa, está em festa. O Tejo, a cujo estuário acorrem desde há séculos as estradas que vêm das cinco partes do mundo, vibra e grita. O Tejo, donde partiu a alma portuguesa como semente de cristandade, veste-se de galas nesta hora e neste dia.»

Depois de fazer o elogio de Lisboa e da obra que se inaugurava, disse tratar-se da «realização dum aspiração com que, ao longo dum século, se pretende completar, nas alturas de Lisboa, a rede de pontes que desde a fronteira vêm cruzando o Tejo». Lembrou que «de todas quantas se debruçam sobre os rios portugueses, esta é a mais extensa e é ainda particularmente festejada porque mereço do seu custo foi a mais difícil de construir.»

Recordou depois o presidente do Município, como o chefe do Estado acompanhou sempre esta obra e fez o elogio da sua personalidade.

«Esta obra — disse — é do Governo e tem característica nacional: pretende conseguir uma mais rápida, fácil e cómoda ligação entre as províncias de aquém e de além Tejo e contribuir para uma melhoria de transportes face ás médias e grandes distancias.»

Assegurou que a Camara Municipal de Lisboa tudo fez para resolver e facilitar a resolução dos graves e importantes problemas que resultaram da construção da ponte — como a construção de novas artérias, entre as quais se destacam, dum lado, a ligação de Alcantara á Avenida Marginal, e, do outro, a futura Avenida Calouste Gulbenkian, ligando a Praça de Espanha a Campolide, trabalhos que se devem traduzir em encargos que se orçam por 200 000 contos.

Lembrou que, em 7 anos de consecutivos trabalhos, a cobertura do caneiro de Alcantara se encontra na sua fase final e citou o total

desaparecimento do tristemente célebre Casal Ventoso, objecto de críticas gerais durante décadas.

Outras afirmações: — Anteriormente á Revolução Nacional não foi possível realizar obra construtiva porque Salazar não existia. No nosso tempo tudo foi possível porque Salazar existe.

Ao longo de quase 40 anos ele reformou o País; ao fim de quase 40 anos ele tinha salvo a Nação. Como surgiu acontecimento tão maravilhoso? Por milagre: de Deus que o inspirou; de toda a Nação que nele acreditou e o seguiu. Salazar é de toda a Nação: é do continente, da Madeira e dos Açores; é da Guiné, de Cabo Verde e de S. Tomé e Príncipe; é de Angola e de Moçambique, de Macau e de Timor; hoje como sempre é ainda de Goa, de Damão e de Dio. Salazar nasceu em todas elas e vive em todas elas.

Depois de prosseguir no elogio ao sr. dr. Oliveira Salazar, disse:

«Quanto mais modesto, mais grandioso se torna; quanto mais se esconde, mais iluminado se apresenta aos olhos da Pátria e do Mundo. Ele é a voz da Pátria, vinha da profundidade dos tempos; ele é a permanente sentinela da sua integridade; ele traz consigo a alma experimentada da Pátria com o registro das cicatrizes e dos sucessos que, ao longo dos tempos, ou ensanguentaram a bandeira das quinas ou a fizeram desfaldar orgulhosamente batida pelo vento e pelo sol da glória. Ele é o homem modesto e simples que está agindo como que no cumprimento de um voto através do qual fez a oferta integral da sua própria vida, como o fizeram os santos, os mártires e os heróis que mais iluminaram a história da gente portuguesa. E dessa doação total de si próprio ele faz ressurgir Nun'Alvares. São a imagem um do outro. Nun'Alvares é o irmão de Salazar.»

E a terminar:

«Toda a terra portuguesa desde o Minho a Timor glorifica o seu nome, todo o mundo civilizado, por sua vez, o admira e o respeita. O louvor eleva-se de todos os recantos da Terra Portuguesa. Desde as cinco partes do mundo portugueses, avoluma-se o vozear crescente da multidão, que se repercute nas montanhas, encostas e planuras, para ecoar nos vales dos rios e encher de clamor este rio Tejo. O Mundo Português realiza um perfeito acto de justiça ao afirmar: — Obrigado, Professor Oliveira Salazar, por ter doado a Portugal a plenitude da sua vida! — Obrigado por nos ter salvo da bancarrota e do comunismo! — Obrigado por nos ter concedido, ao longo de quatro décadas de sã administração, riqueza material, justiça social, paz, ordem, disciplina e prestígio.»

«O Tejo, a velha estrada de Lisboa, está em festa. Na verdade, o Tejo, a velha estrada de Lisboa, tem razão para gritar conosco: — Muito obrigado, Professor Salazar, por nos ter dado também a Ponte Salazar!.»

«Muito obrigado, Professor Salazar, por nos ter dado também a Ponte Salazar!.»

menos o mérito de ter despertado um interesse por este problema que depois não mais se extinguiu. Que assim é, comprovam-no os numerosos estudos ou simples alvítores que desde então foram dedicados a este tema, mantendo sempre bem viva na Nação a consciência da sua actualidade e da sua importância.

Evocação de Duarte Pacheco

Falou dos estudos levados a cabo e lembrou que «só em 1933 se re-

(Continua na página seguinte)

O Presidente da República e o Chefe do Governo atravessaram a ponte em automóveis ladeados por helicópteros da Força Aérea

(Continuação da página anterior)

gistou a primeira iniciativa do Governo, por intermédio do ministro Duarte Pacheco, traduzida no conhecido projecto da ponte entre o Beato e o Montijo, que só o condicionamento adverso criado pela iminência da ultima Grande Guerra impediu que fosse levado por diante.

E prosseguiu: — Desde então não mais perdeu o Governo o comando sereno e ponderado do importante assunto, atento á oportunidade de retomar a sua consideração. Tal oportunidade viria a resultar, por um lado da pressão das circunstancias criadas pelo próprio desenvolvimento geral do País e da visão cada vez mais nítida das conveniências do seu progresso, por outro lado da crescente maturidade da Nação para defrontar os seus maiores problemas e para vencer as dificuldades técnicas e financeiras que são sua inerência fatal.

Outros nomes que se recordam

— Assim — disse — chegámos á fase que hoje se dá por encerrada tão auspiciosamente e cuja característica muito notável está no método e na segurança exemplares com que se trabalhou durante treze anos, que tantos são os que nos distanciam da data da portaria dos ministros das Obras Publicas e das Comunicações de então, engenheiros José Frederico Ulrich e Manuel Gomes de Araújo, criando em 1953 a comissão de estudo presidida pelo engenheiro Barbosa Carmona em cujo valiosissimo relatório apresentado três anos depois, na síntese do engenheiro Guimarães Lobato, se apoiou a decisão do Governo de dar execução ao grande empreendimento e cabe aqui sublinhar a contribuição decisiva do prof. Marcello Caetano, como ministro da Presidência, para o bom encaminhamento final dos propósitos do Governo.

O eng.º Arantes e Oliveira historiou depois as fases do concurso aberto em 27 de Abril de 1959 e o começo dos trabalhos em 10 de Janeiro de 1963.

— Esta — disse — em rápida síntese, a história da grande obra que neste momento tenho o alto privilégio de entregar á Nação; história exemplar em que não é possível assinalar um desvio do bom rumo, apesar das vicissitudes e das dificuldades que, no mais elevado grau, inevitavelmente concorrem nos empreendimentos desta natureza e envergadura, situados na fronteira do progresso técnico e da capacidade de realização do homem.

Louvor aos que trabalharam

O ministro dedicou-se depois a louvar quantos desenvolveram o seu meritório esforço em prol daquela realização ou que a financiaram — as organizações técnicas e financeiras norte-americanas e nacionais, o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, a Camara Municipal de Lisboa, a Administração-Geral do Porto de Lisboa, a Junta Autónoma de Estradas — sem esquecer o anterior e o actual ministro das Finanças e os seus colegas das Comunicações e das Corporações, «aos quais esta realização tanto ficou devendo» e referiu que «temos, porém, de reservar um lugar muito especial na expressão destes sentimentos para o Gabinete da Ponte sobre o Tejo, organismo constituido expressamente no Ministério das Obras Publicas para dar execução á decisão do Governo e em boa hora confiado á direcção do engenheiro José do Canto Moniz, cuja brilhante actuação nesta obra tem o mais justo prémio no prestígio que conquistou perante a Nação e no conforto moral que hoje há-de sentir, e com ele os seus distintos colaboradores, ao ver cumprida com tão assinalável êxito a sua árdua missão».

Um novo instrumento de progresso

O ministro falou depois da função da ponte como organismo de progresso económico e social e disse:

— As razões que, há cerca de um século, adjudicaram á obra do atravessamento do troço marítimo do Tejo o interesse da Nação tornaram-se com o andar do tempo cada vez

mais evidentes. Já nos nossos dias, o surto do progresso geral do País e a valorização industrial e urbanística da orla sul do estuário, aumentaram fortemente a premência do problema, revestindo-o de aspectos críticos que tenderiam a tornar-se insustentáveis em futuro próximo se entretanto não tivesse sido possível assegurar a sua resolução. A verdadeira importância económica da obra está longe, todavia, de confinedar-se nos aspectos mais espectaculares de todos bem conhecidos. É que a justificação de empreendimentos desta natureza e desta envergadura não pode buscar-se apenas na ponderação das necessidades reveladas. É preciso ir mais longe e ler no futuro a expressão real dos interesses do País e das conveniências do seu progresso, para se poderem avaliar com justeza a sua oportunidade e o seu merecimento. Temos assim que, hoje como há cem anos, a assimetria do desenvolvimento das duas zonas do País separadas pelo grande estuário continua a ser uma realidade saliente, em prejuízo de grande parte da área e da população metropolitana».

E prosseguiu: — Lançado já, em hora alta da história do nosso desenvolvimento económico, o Plano de Rega do Alentejo, está assim em vias de resolução o primeiro destes problemas essenciais. Faltava porém modificar aquele desfavorável condicionamento geográfico para se poderem considerar definitivamente encaminhados no seu bom rumo os destinos da grande provincia. Este será certamente um dos mais importantes papéis que irão ser desempenhados pela ponte agora concluída, sobretudo depois de lançado sobre ela o caminho de ferro, como esperamos que aconteça em futuro próximo e para o que ficam perfeitamente preparadas as estruturas da grande obra.

«Deste tão importante beneficio irá participar a provincia algarvia para cujo desenvolvimento, tão prometedormente orientado, não poderá deixar de prestar valiosa contribuição o encurtamento, no espaço e no tempo, da distancia á capital. Mais perto de nós, e votada certamente a uma rápida evolução, temos esta Península de Setúbal para a qual a partir de hoje se irão rasgar novas e prometedoras perspectivas de valorização dos seus excepcionais recursos, até agora a bem dizer em estado potencial».

Nova tarefa — o canal Tejo-Sado

— Para nascente e para norte da auto-estrada cujo primeiro troço fica construido e que virá a prolongar-se até ao Algarve e á fronteira — acentuou — ficarão criadas as melhores condições para a instalação de grandes centros industriais, que se háo-de valorizar ainda com a construção das novas comunicações por estrada e por caminho de ferro já planeadas, com a reestruturação do porto de Lisboa, que a ponte irá provocar, e com a construção do canal Tejo-Sado».

E acrescentou:

— Para poente e para sul do mesmo eixo fundamental iremos ver mobilizada, em ritmo veloz, a singular vocação desta zona para o desenvolvimento turístico, subordinado embora á cadência de execução das infra-estruturas indispensáveis como complemento natural da grande Ponte, e de que o primeiro elemento é constituído pela auto-estrada transversal que, graças á notável diligência da Junta Autónoma de Estradas, se torna possível considerar hoje também inaugurada».

Vi do futuro

O sr. eng.º Arantes e Oliveira disse ainda:

— Concluindo, direi que não é preciso nenhum esforço de imaginação para prever o que será, dentro de poucos anos, toda esta área tão prendada pela Natureza — agora trazida para a vizinhança immediata de Lisboa. Para que tão aliantes perspectivas sejam aproveitadas não deixarão de surgir, como já estão surgindo em escala crescente, as iniciativas particulares. Só haverá agora que orientá-las da melhor forma para que delas se extraia o desejado proveito. O Estado e as Camaras Municipais terão aqui uma missão importante que começou, aliás, a ser cumprida não só com a legislação especial já promulgada, como tam-

bém com a aprovação do Plano Director do Desenvolvimento da Região de Lisboa, apenas dependente do douto parecer da Camara Corporativa, e dos planos urbanísticos complementares que estão elaborados para as áreas mais sensíveis situadas na vasta zona de influencia da ponte, incluindo a Serra da Arrábida — precioso tesouro que temos de proteger a todo o custo. Eis rapidamente esboçada a transcendente importância desta obra para o futuro da Nação. Graças a ela não mais este Tejo será um obstáculo ao progresso e ao engrandecimento de uma parte importante do País — um senão que até aos nossos dias ensombrava a sua tão gloriosa história e os seus tão valiosos predicações».

Depois de pedir a agradecer a bênção do sr. cardeal-patriarca para esta obra e para os homens que a realizaram, incluindo a falange dos operários que, mais uma vez, aqui exemplificaram por forma admirável as suas tão apreciadas qualidades, com sacrifício, para alguns, da própria vida», o ministro disse que «esta grande obra, verdadeiro padrão do progresso da técnica ao serviço da humanidade, ficará para os vindouros como o mais eloquente símbolo da era de engrandecimento, cujo 40.º aniversário o País este ano comemora, e que trouxe á Nação um espirito novo, tornando possível dar corpo a obra como esta, que antes se tinham como meros sonhos irrealizáveis».

O nome da ponte

E, a terminar, o ministro disse: — Aos sentimentos bem legítimos de orgulho nacional, de confiança nas nossas próprias possibilidades e de fé inabalável nos nossos destinos que esta obra despertará em todos os portugueses, não poderia, porém, deixar de ficar associado o sentimento de gratidão, expressivamente traduzido no nome por que doravante esta ponte será designada, em interpretação da vontade nacional, que ao ministro responsável competia atender, no uso de indeclináveis prerrogativas.

Que os beneficios para o País desta grandiosa obra possam vir a corresponder á distincção que lhe confere tão alto patrocínio, são os votos bem sinceros com que termino».

O eng.º Arantes e Oliveira recebeu a grã-cruz de Sant'Iago

Findo o discurso do ministro das Obras Publicas, o Chefe do Estado annunciou que ia proceder á entrega de condecorações concedidas por proposta do ministro daquela pasta, aos obreiros mais destacados da ponte de Lisboa.

«Antes, porém, de fazer essa entrega — disse o sr. almirante Américo Thomaz — um outro dever me obriga, e esse é o agradecimento do sr. ministro das Obras Publicas, trabalhador admirável, que consumiu a sua saúde vivendo profundamente, além de tudo o mais que é muito, a realização desta maravilhosa obra. Ao colocar ao seu peito as insígnias da Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago da Espada, estou certo de que o faço no dia mais feliz da sua vida intensamente vivida de engenheiro e de ministro».

O sr. Presidente da República colocou, então, ao peito do sr. engenheiro Arantes e Oliveira, a banda e o collar da Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago da Espada e abraçou o agraciado por entre as palmas da assistência.

A grã-cruz do Infante para o eng.º Canto Moniz (entre 51 condecorados)

O Chefe do Estado procedeu, depois, á condecoração dos obreiros da ponte e dos seus acessos rodoviários, num total de 51 pessoas: eng.º José Estêvam Abranches Couceiro do Canto Moniz — grã-cruz da Ordem do Infante D. Henrique; eng.º Luís Maria Nolasco de Guimarães Lobato — grande oficial da mesma Ordem; eng.º Julio Ferry do Espirito Santo Borges — comendador da Ordem de Sant'Iago da Espada; engs. Francisco Merrel Highly, Mário Abranches de Sousa Carneiro, Manuel dos Santos Pinto Serrão, Tomás Inácio Magalhães Guerra Pontes, dr. Albino Cabral Pessoa e

eng.º Eduardo Abranches de Magalhães — comendadores da Ordem do Infante D. Henrique; John Lee Armitage, Alfred Everett Couto, engs. Daniel Christie Kline e Spire Agius — comendadores da Ordem de Mérito Agrícola e Industrial (Classe de Mérito Industrial); engs. Joaquim da Silva Mendes Bragança, Mário Fernandes Marques Dias, Carlos Manuel Miranda de Vasconcelos da Silva Lima e Mário Pinto Alves Fernandes — oficiais da Ordem do Infante D. Henrique; Francisco Mendo Alves Pinto da Fonseca, Vicente Ferreira Branco e Fernando Rodrigues de Sousa — oficiais de Mérito Agrícola e Industrial (classe de Mérito

tantes entregues, em conjunto, a representantes dos trabalhadores agraciados.

A bênção e o oração do cardeal-patriarca

O sr. cardeal-patriarca, paramentou-se então com uma riquíssima capa bordada a ouro, pertencente ao tesouro da Sé, e, de mitra e báculo, dirigiu-se com os acólitos, processionalmente, para um pequeno estrado colocado á direita da tribuna de honra, a fim de benzer a Ponte Salazar.

O sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira disse a oração da bênção, que é a seguinte:

«Ouví-nos, Senhor, á nossa oração. Dignai-vos abençoar esta ponte e a todos quantos por ela passarem, para que, acompanhados da Vossa protecção, tenham sempre uma feliz viagem e sejam livres de todos os perigos.»

«Ouví-nos, Senhor, Senhor Santo, Pai Omnipotente e Deus eterno. Envia do céu o Vosso santo anjo para que guarde esta ponte, acompanhe e defenda de todo o mal os que passarem por ela. Por Cristo Nosso Senhor, Amen.»

Em seguida, o purpurado aspergiu simbolicamente a grande obra, lançando água benta em direcção á ponte. A breve cerimónia litúrgica terminou com a bênção á assistência, dada pelo sr. cardeal-patriarca, que retomou o seu lugar na tribuna enquanto o coral prosseguia uma breve execução de musica sacra, entoando o «Gloria Patri».

A abertura da ponte

E chegou o momento da abertura simbólica da ponte. Eram 12 e 44 precisas. O Chefe do Estado com o ministro das Obras Publicas e o sr. engenheiro Canto Moniz, dirigiu-se para a esquerda da tribuna de honra, a fim de descerrar, por comando á distancia, os quatro padrões situados nos limites norte e sul da ponte, e o padrão da Avenida da Índia, junto á ancoragem norte.

Duas palavras do Chefe do Estado

O sr. almirante Américo Thomaz proferiu nesse momento as seguintes palavras:

«Atingido o momento culminante desta solenissima inauguração dou graças a Deus e declaro aberta ao tráfego e posta ao serviço da Nação a Ponte Salazar.»

Ouviram-se aplausos e o sr. Presidente da República, eram exactamente 12 e 46, premiu o botão que fez soltar a fita verde-rubra que impedia o acesso á ponte, descerrando simultaneamente os padrões que têm em alto relevo o escudo nacional e a seguinte inscrição: «M. O. P. — Ponte Salazar — 1966».

A cerimónia terminou com o Hino Nacional cantado em coro. Estralejaram foguetes. Os rapazes da M. P. soltaram, em frente da tribuna, cinco mil bombos pertencentes a columbófilos das colectividades de Lisboa e Setúbal.

O cortejo através da ponte ladeado de helicópteros

Terminada a cerimónia, formou-se um cortejo que iniciou, oficialmente, a travessia da nova ponte. Precedido por um grupo de batedores da P. V. T., seguia o carro do Chefe do Estado, que ia acompanhado pelo ministro das Obras Publicas, a que se seguiram os carros do sr. cardeal-patriarca, Presidente do Conselho, ministros, corpo diplomático e outras personalidades portuguesas e estrangeiras.

O cortejo seguiu em marcha lenta, para permitir a observação do deslumbrante panorama do rio e da cidade. Ao lado, pairando no espaço, ladeavam o cortejo alguns helicópteros da Força Aérea, enquanto lá acima chegavam os ecos das sirenes e apitos dos barcos surtos no rio.

O Chefe do Estado, depois de sair dos acessos de Monsanto, seguiu para Cascais, onde repousará durante a tarde. As restantes personalidades dispersaram, recolhendo ás suas residências.

Através da ponte, começaram depois a passar os veiculos dos

(Continua na ultima página)

Miniaturas da ponte em vários locais da cidade

O leitor a pensar que foi inaugurada uma ponte, a grande, e o «Diário de Lisboa» descobriu mais quatro! A primeira, inaugurada já há tempos, é pintada numa parede. Está no «lvo dos Caracóis», á Rua da Esperança. No pátio do Pisaleiro, em frente á Escola Fonseca Benvides (Santos), vimos outra, mas esta de madeira. A Madragoa não quis ficar atrás e vá de fazer a sua ponte na Travessa das Isaebéis, junto ao cruzamento com a Rua das Madres. Também de madeira, com festões vermelhos.

A mais curiosa de todas foi erguida na Travessa do Alcaide, transversal á Calçada do Combro. Materiais: madeira, cartão prensado, lâmpadas, zarcão. Autores: doze moradores do bairro, entre os quais um desenhador, um carpinteiro e um electricista. Custo final da «obra»: 3000\$00 (numeros redondos). A ponte assenta em dois tubos de ferro estendidos de lado a lado da travessa, a ligar os primeiros andares dos n.º 14 e 15. A esquina com a Travessa do Terreiro a Santa Catarina, na empena do prédio n.º 3, uma estatueta a representar o Cristo-Rei de Almada. Foi feita com espuma de plástico e será iluminada, tal como a ponte, por dois projectores.

Industrial); Milton Joseph Boden (ausente) — official de Mérito Agrícola e Industrial (classe de Mérito Industrial); Armindo de Matos Faria — medalha de prata da Ordem do Infante D. Henrique; José Rui Luís Barbosa de Faria, João Francisco, Lenine Nunes Professor, António Barata Gonçalves, António Martins, Aniceto Cabral de Sousa, Raul José Germano Saramago, Silvino Manuel Molha, António da Fonseca Caramelo, Clemente Rio de Sousa Lima, Manuel Rosa Prazeres, António Dias, Manuel Mendes, Ramiro João Maia Malpique, Jorge Filipe, José Rocha Couto, Antunes Manuel da Cruz Sá Baradas, José Rosa Simões, José Joaquim Sampaio, Laurentino Gonçalves, Alvaro das Dolores Martins Graça, António Rodrigues dos Santos, Dinis Henrique da Costa, Aníbal Silvestre, Acácio Nunes da Silva, Vitoriano dos Santos Valadas, Manuel Martins de Oliveira, James W. Grahm (ausente) e Everett H. Seabrook (ausente) — medalhas da Ordem de Mérito Agrícola e Industrial (Classe de Mérito Industrial).

Terminada a imposição das condecorações, o sr. Presidente da República acompanhado dos srs. engs. Arantes e Oliveira e Canto Moniz, foi entregar a medalha da Ponte aos trabalhadores que participaram na fase final da obra e que se encontravam formados dos dois lados da tribuna presidencial.

O Chefe do Estado impôs sómente parte das medalhas, sendo as res-

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado, o vento era fraco de vários rumos e havia neblina em algumas localidades.

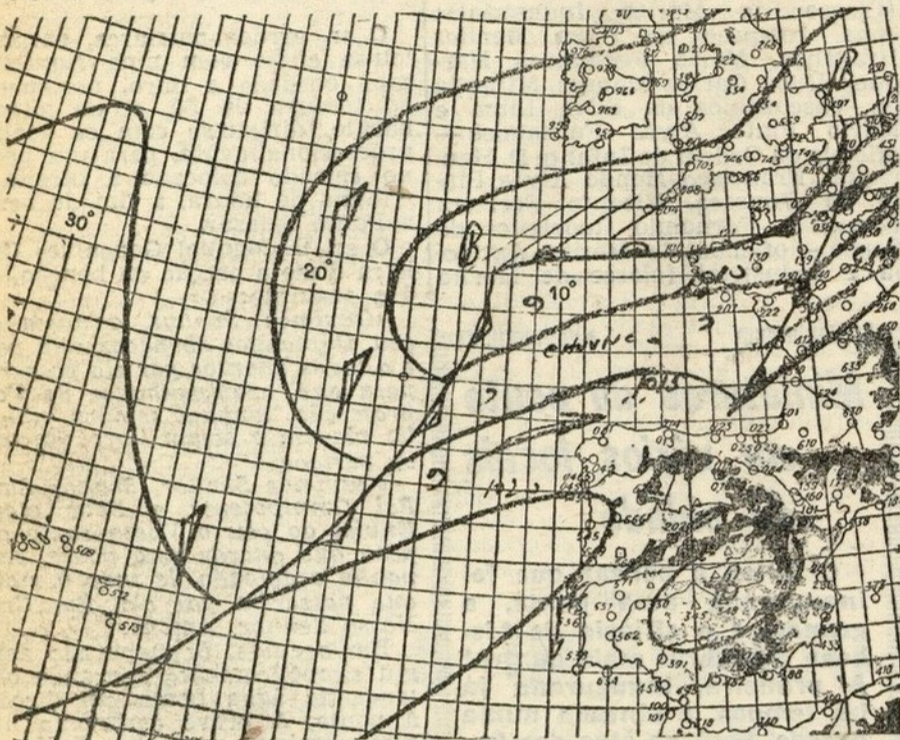
TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima:

Tavira, 33,5; mínima: Porto e Viseu, 10°.

TEMPERATURAS DO AR — Coimbra, 16°; Faro e Lisboa, 23°; Penhas Douradas, 20°; Portalegre, 24°; e Porto, 14°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 9 horas, 22°; na água do mar, ao meio-dia, 17,2.

A EVOLUÇÃO METEOROLÓGICA



(Carta de prognóstico para as 24 horas de hoje)

A — Anticiclone (alta pressão)
B — Depressão (baixas pressões)
— Isóbaras (mb)

EVOLUÇÃO PROVAVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ AS 24 HORAS DO DIA 7 DE AGOSTO — Influência de ar seco, continental, transportado na circulação da depressão de origem térmica, com infiltração de ar marítimo nas regiões a norte do rio Douro.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ



SOL **AMANHÃ**
Nascer às 6 e 42
Ocaso às 20 e 42

MARES

PREIA-MAR: Dia 6 — As 6 e 56 (3,5 m); 19 e 08 (3,7 m); Dia 7 — As 7 e 31 (3,5 m); 19 e 48 (3,6 m); Dia 8 — As 8 e 11 (3,4 m); 20 e 38 (3,4 m).

BAIXA-MAR: Dia 6 — As 0 e 19 (1,2 m); 12 e 31 (1,2 m); Dia 7 — As 0 e 58 (1,3 m); 13 e 13 (1,4 m); Dia 8 — As 1 e 43 (1,4 m); 13 e 58 (1,5 m).

FASES DA LUA

Dia 9 Dia 16 Dia 23 Dia 31

A obra e a sua projecção

(Continuação da 1.ª página)

no entanto, de uma obra sumptuária, se não for enquadrada num plano de desenvolvimento regional que justifique, sob o ponto de vista económico e social, tão importante investimento. A ponte, aberta hoje ao tráfego, ergue-se á vista de todos nas suas linhas elegantes e majestosas e domina do alto das suas torres orgulhosas (cento e noventa metros acima da linha de água) uma cidade que se fez pequena para que ela se agigantasse. Com efeito, tudo é insignificante á sua volta. Só ela é grande, na perspectiva luminosa que os nossos olhos alcançam, e só ela representa o papel de vedeta no espectáculo maravilhoso que se desdobra a seus pés. Os automóveis que correm velozmente na faixa marginal, os comboios que deslizam com suavidade á beira-mar, os navios que entram e saem a barra ou lançam o ferro nas águas espelhadas do Tejo não passam de brinquedos animados de crianças para um filme de Walt Disney. A própria cidade assemelha-se a uma «maquete» de gesso reduzida á escala de um por mil. E os homens, os mesmos que ergueram a ponte e se movem lá em baixo, no espaço vazio dos estaleiros, onde a febre das grandes horas de operosidade desceu para a temperatura normal das horas tranquilas, aparecem-nos como seres infinitamente pequenos e indignos, no meio dos ódios que os dividem e das lutas estereis em que se digladiam, do poder quase ilimitado que Deus lhes concedeu. E, no entanto, foi o fulgor da sua inteligência e o prodígio da sua técnica que conceberam e realizaram esta obra gigan-

tesca, perante a qual se abatem bandeiras e cessam automaticamente paixões.

☆

Desde que saímos do longo viaduto que atravessa as artérias rumbrosas do vale de Alcantara sobre o próprio casario, deixando-nos entrever lá em baixo pequenos jardins românticos que rodeiam de frescura velhas casas solarengas, e entramos propriamente no tabuleiro que estreita as duas margens do rio num abraço de dois quilómetros e duzentos metros de extensão, invade-nos uma sensação de grandeza difícil de exprimir. A ponte adquire desde logo aos nossos olhos uma personalidade própria, que infunde respeito e provoca a mais profunda admiração. As suas dimensões, que, vistas de baixo, reduzem a poderosa estrutura metálica a uma escala de limitada perspectiva, crescem e adquirem uma ordem de grandeza com que não contávamos. É um deslumbramento! Avistamos ao longe alguns monumentos que, contemplados de perto, não deixam de fazer boa figura. Vistos da ponte, todos eles ficam reduzidos a uma insignificancia confrangedora. A ponte fica a ser, incontestavelmente, o maior e o mais belo monumento da cidade. A Torre de Belém, quando reflecte a luz do Sol no ocaso, afigura-se-nos uma miniatura de cartão iluminada da Marcha da Madragoa. A igreja dos Jerónimos assemelha-se a uma construção armada por crianças com pedacinhos de madeira desmontáveis. O Palácio da Ajuda, o Observatório da Tapada, o Instituto Superior de Agronomia, o Liceu D. João de Castro, os grandes edificios da margem Norte ficam reduzidos a uma escala ínfima. Lembram-nos a cidade-miniatura de Madurodam, que foi construída perto da Haia, sob a invocação de um herói de guerra holandês de ascendência portuguesa, para deleite de crianças e turistas, que são crianças grandes. É como se, por artes mágicas, nos tornássemos subitamente Gullivers contemplando uma cidade habitada por filipitanos. E, ao longe, no «sky line» parda-cento da urbe, de que a ponte passa a constituir a marca fundamental, adivinham-se, como se fossem gajanhotos poisados numa seara de trigo, a cúpula lendária de Santa Engrácia, as torres elegantes de S. Vicente de Fora, a muralha medieval do Castelo de S. Jorge, o vulto indeciso da igreja da Graça, o edificio pretensioso das Corporações na Praça de Londres e pouco mais. O resto funde-se no tom geral da paisagem e perde-se na massa cinzenta do casario, que se espreguiça á beira do Tejo e trepa pelas sete colinas numa escalada vagarosa, tão lenta como a do Vietnam. Lá no alto, a coroar o panorama, alastra a mancha verde do Parque Florestal de Monsanto. oásis de frescura no perímetro incendiado da cidade, e na linha do horizonte alonga-se o dorso de camelo da Serra de Sintra, cujos contrafortes resvalam para o mar. O rio, visto da ponte, assume também a sua verdadeira grandeza. A perspectiva do estuário, que se espraia até ás brumas longínquas da baía de Cascais, constitui um dos mais bellos pontos de vista deste novo e esplendoroso miradouro de Lisboa.

☆

Na margem Sul, servida agora por uma rede densa de estradas, sente-se o «fervet opus» da urbanização, que deixa adivinhar, para além da actividade febril dos estaleiros, a especulação desenfreada que está a verificar-se na Bolsa dos terrenos, neste novo Algarve ás portas da capital. Uma cidade nova, uma cidade satélite, que dentro de poucos anos duplicará a população da Grande Lisboa, e onde se podem ensaiar todos os estilos e todas as audácias da arquitectura moderna, vai nascer dentro em pouco na outra margem do rio. Convém, no entanto, poupar as proximidades da ponte a afrontas urbanísticas que podiam comprometer a beleza do local e a dignidade da obra. Por enquanto, ainda se respira um certo bucolismo nos bosquezinhos de pinheiros, cedros e eucaliptos que descem para o rio e que o lápis alfacinha de Carlos Botelho fixou, com a frescura do seu talento, numa página que adiante se publica. Mas não tardará que a paisagem sacrifique á invasão insólita dos caixotes e das gaiolas da moderna arquitectura o encanto da sua simplicidade bucólica.

☆

Ao percorrer nos dois sentidos a ponte que hoje foi solenemente inaugurada e baptizada com o nome de Salazar, e que fica a constituir — é de toda a justiça reconhecê-lo — o marco grandioso de uma época e o símbolo de uma administração que, tendo arrancado sob o signo de dominantes preocupações financeiras, pôde assim empenhar-se numa empresa de tão vultoso investimento, não pode deixar de nos invadir, ao mesmo tempo que uma justificada sensação de orgulho, um sentimento cristão de humildade perante a grandiosidade da obra concluída, sentimento a que os homens, ainda os mais altamente colocados, não podem dignamente furtar-se.

Na hora festiva em que se celebra esta vitória retumbante da engenharia moderna, é de elementar justiça escrever uma palavra de louvor e de gratidão para os técnicos, nacionais e estrangeiros, que a puseram em pé e para os operários ainda os mais humildes que ajudaram a erguê-la com a força do seu braço ou o poder do seu engenho. Não devemos esquecer também aqueles, e foram, felizmente, em numero reduzidissimo para as dimensões e para os perigos que o árduo trabalho oferecia, que perderam a vida durante a sua construção (quatro homens apenas, segundo informação oficial) e cujo sacrificio, servindo o progresso, não deixou de prestar um serviço inestimável ao País. Glória aos vivos que hoje se revêem na sua obra e paz na morte áqueles que, tendo contribuído de qualquer modo para a sua realização, não puderam vê-la concluída!

A LOTARIA DE ONTEM

NÚMEROS PREMIADOS

42351 4 000 000\$00
525 300 000\$00
50169 100 000\$00
APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO
42350 14 325\$00
42352 14 325\$00

PRÉMIOS DE 20 000\$00

8674 12491 15942 20040 52553 53001

PRÉMIOS DE 10 000\$00

2785 14667 17135 18030 26941 27046
42661 42722 45599 48115 49059 49299

PRÉMIOS DE 5 000\$00

1086 1152 1816 2659 3883 5990
10753 10917 15631 16703 17109 17269
19599 20906 22325 37136 41238 52321
53223 54244

PRÉMIOS DE 3 000\$00

56 307 4598 6284 7128 8425
11001 12328 12436 13211 13385 14208
14566 14957 15583 17000 20423 23416
23869 24323 26126 26541 30343 32555
33193 37760 39721 39977 40679 41369
44146 44951 45098 47637 47813 49039
49199 49769 49863 50143

PRÉMIOS DE 300\$00 (centena)

501 a 600; 42301 a 42400 e 50101 a 50200

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Foram premiados com 1500\$00, no bilhete, os números cujos três ultimos algarismos sejam 303, 617 ou 675. Aquelles cujos dois ultimos algarismos sejam 15, 32 ou 43, são premiados com 500\$00. Por ultimo, todos os restantes números cujo ultimo algarismo seja 1, são contemplados com 250\$00, também em cada bilhete, prémio correspondente á terminação.

Todavia, os nossos leitores devem consultar a lista oficial da Misericórdia.

Na margem Sul, servida agora por uma rede densa de estradas,

O PÃO QUENTE
VENDEU O 1.º PRÉMIO

42351 — 4.000 CONTOS

O PÃO QUENTE

N. B. — O bilhete foi recebido por troca do sr. Francisco da Silva (Gafanhão).



Rei da Sorte

Vendeu, mais uma vez, ao seu balcão, um

PRÉMIO GRANDE

O 3.º Prémio da Lotaria Especial do Verão

50169 — 100 CONTOS

Jogue, sempre, no feliz

Rei da Sorte

RUA DA CONCEIÇÃO, 23-25 — LISBOA

EM REDOR DO CRISTO-REI CONCENTRARAM-SE POPULARES QUE DALI ASSISTIRAM À INAUGURAÇÃO DA PONTE

Se tivéssemos de determinar a situação do fulcro do movimento de veículos e pessoas, originado pela cerimónia desta manhã, ele seria encontrado na própria ponte e seus acessos a partir de Lisboa. Com efeito, foi deste lado da margem que desde muito cedo, e até às 10 horas, se verificou o grande desfile de veículos ligeiros e pesados.

Quem, antes das nove horas, e até ao começo da cerimónia percorresse os acessos da margem sul verificaria um movimento praticamente nulo.

Em Cacilhas o movimento dos «ferry-boats» foi muito reduzido, apenas se verificando, na Cova da Piedade e Almada, um desusado movimento de gente pelas ruas, justificado em parte pelo facto dos serviços públicos e outras empresas terem dispensado o seu pessoal. O ambiente ali era, por isso, um pouco mais eufórico que aos domingos, com gente estacionada nos passeios e donas de casa na faina matinal das compras.

Muitas outras pessoas, algumas centenas, das que moram nas localidades da outra margem, acorreram à zona do monumento a Cristo-Rei, onde tinham sido feitas terraplanagens de forma a tornar praticável uma vasta zona que, embora ficando um pouco mais distante que outras, permitia uma visão directa sobre o local onde decorreu a cerimónia. Muitas dezenas de pessoas concentraram-se também no topo do citado monumento, de onde a visão de conjunto era de facto magnífica. Nos outros locais do morro mais chegados à estrada, não foi permitida a presença de público, vindo-se ali soldados da G.N.R. a cavalo.

Também no centro de coordenação sul, situado na Praça Almirante Américo Thomaz, na Cova da

Piedade, onde passarão a estar centralizados os veículos pesados que fazem serviço na ponte, juntaram-se, esta manhã, cerca de uma centena de autocarros de dois pisos, nos quais se transportaram para o local da cerimónia muitos convidados, elementos da M. P. e M. P. F., etc.

Quando acabou a sessão inaugu-

CIVIS E MILITARES TIVERAM DE SER TRATADOS NO POSTO DE SOCORROS

O sol inclemente, que toda a manhã dardejou sobre a Praça da Portagem, provocou alguns casos de lipotímia (ligeira perda de sentidos).

Até ao meio-dia doze pessoas tinham sido assistidas no posto de socorros do destacamento-auto da Cruz Vermelha Portuguesa, instalado na parte sul da praça, junto ao edifício da portagem.

Também foram ali tratados, de ferimentos leves, algumas das pessoas que estavam no local em serviço ou para assistir ao acto inaugural.

O primeiro sinistrado a receber tratamento foi o ajudante de motorista, sr. Luís Carlos, de 58 anos, residente em Lisboa, que apresentava fractura contusa no indicador esquerdo.

O primeiro caso de lipotímia foi o de um polícia com princípio de insolação.

Pelo mesmo motivo foram ali socorridos cadetes da Academia Militar e da Escola Naval, assim como uma jovem de 14 anos.

O pessoal da Cruz Vermelha era em numero de 56, entre médicos, enfermeiros e maqueiros, comandados pelo tenente dr. José Almeida Nifo.

A visita do Chefe do Estado à cidade de Setúbal

Amanhã, depois da visita ao concelho de Almada, onde assistirá aos festejos comemorativos da inauguração da ponte sobre o Tejo, o Chefe do Estado segue para a cidade de Setúbal, alojando na Estalagem de S. Filipe.

A tarde, o sr. Presidente da República presidirá, nos Paços do Concelho, a uma sessão solene, na qual usará da palavra o presidente da Câmara Municipal de Setúbal; o sr. Manuel Martins do Nascimento Entrudo Lino, em representação das classes trabalhadoras do distrito; o sr. João Branco Nuncio, em nome das actividades económicas; e o deputado e juiz conselheiro sr. dr. José Guilherme de Melo e Castro.

Pelas 17 horas, o Chefe do Estado procederá à inauguração do novo cais acostável do porto, depois do que, a bordo de uma vedeta, passará revista às frotas de pesca e de recreio de Setúbal, Sesimbra e Sines, concentradas no rio Sado.

Pelas 18 e 30, o sr. almirante Américo Thomaz assistirá à tourada de gala, na Praça de Touros «Carlos Relvas».

Na Estalagem do Castelo de S. Filipe haverá, pelas 21 e 30, o jantar e recepção em honra do Chefe do Estado.

Na cidade em festa haverá arraiais populares e, pelas 23 e 30, queimar-se-á vistoso fogo de artifício.

ral, aqueles veículos, que voltaram ao local para receber os passageiros saídos de Lisboa, formaram uma longa bicha, que se incorporou no cortejo presidencial, que passou a ponte em direcção à cidade.

Nas estradas de acesso a Setúbal, a Sesimbra e à Costa da Caparica o movimento foi normal, ou podemos mesmo dizer, reduzido. Na verdade, em quase todas as estradas dos acessos sul apenas se viam guardas da P. V. T., soldados da G. N. R., gente a pé e, até, cães e crianças a brincarem despreocupadamente no meio das rodovias. Tudo indica, pois, como foi possível determinar cerca do meio-dia, que o «alfacinha» que tradicionalmente ao sábado, de manhã, deixa a cidade, se retraiu um pouco, de forma a não sentir os efeitos da inauguração, e poder, à tarde, aproveitar a ponte para a atravessar.

TELEGRAMA DO GENERAL FRANCO AO CHEFE DO ESTADO

O Chefe do Estado de Espanha enviou ao sr. Presidente da República o seguinte telegrama:

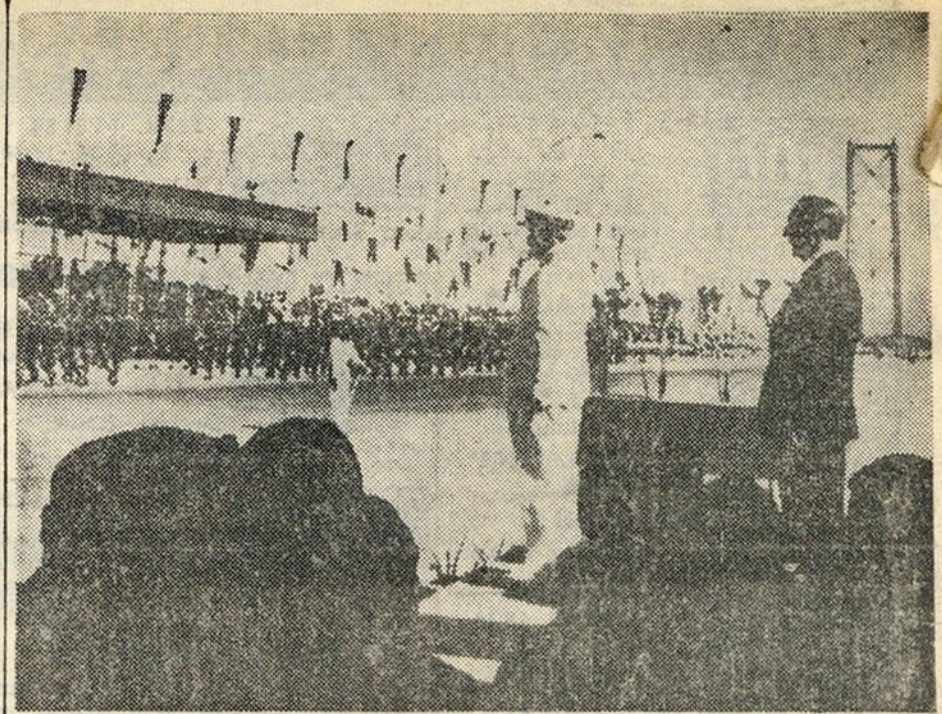
«Ao inaugurar-se grandiosa obra da ponte sobre Tejo, envio a V. Ex.ª as minhas mais entusiásticas felicitações — a) Generalíssimo Franco».

Um ministro russo vai ao Brasil

MOSCOVO, 6 — (R.) — O ministro soviético do Comércio Exterior, Nikolai Patolichev, parte hoje desta capital para o Rio de Janeiro, a fim de assinar um protocolo comercial sobre o fornecimento de petróleo e de equipamento russo para minas, ao Brasil.

Fontes bem informadas revelaram que o protocolo não estava incluído no actual acordo de comércio entre os dois países.

Patolichev chegará ao Rio de Janeiro amanhã e permanecerá no Brasil até 17 do corrente.



O Presidente da Republica, acompanhado pelo ministro da Defesa Nacional, assiste ao desfile da guarda de honra

A ponte abriu ao tráfego a partir das 15 horas

(Continuação da 11.ª página)

convidados, utilizando todas as faixas no sentido Almada-Lisboa.

As 15 horas, como fora anunciado, a ponte abriu ao publico, já nos dois sentidos, observando-se uma enorme afluência de curiosos, que se deve manter ainda amanhã, tanto mais que, até às zero horas de segunda-feira não haverá pagamento de portagem.

Os festejos em Almada

Para assinalar a abertura da ponte sobre o Tejo, a Câmara Municipal de Almada promove uma série de festejos, alguns dos quais terão a presença do Chefe do Estado, e que se prolongarão por uma semana.

Hoje, além da representação de todas as forças vivas do concelho, no acto inaugural da ponte, o programa compreendeu a abertura da feira franca. A noite haverá um concerto público pela banda da Academia de Instrução e Recreio Familiar Almadaense. O Município colabora na sessão de fogo de artifício que será queimado entre as duas margens do rio.

Amanhã, às 10 horas, haverá missa campal, à qual assistirão o sr. Presidente da República, ministros de várias pastas, altas patentes militares e demais autoridades civis, militares e eclesiásticas. As 11, o Chefe do Estado e sua comitiva

percorrem, em automóvel aberto, as principais artérias da vila e da freguesia da Cova da Piedade, nas quais serão saudados pela população e por todas as colectividades recreativas, humanitárias, desportivas e culturais do concelho. O percurso é o seguinte: Avenidas de Cristo-Rei e D. Nuno Alvares Pereira, Praça da Renovação, Avenida D. Afonso Henriques, Praça Gil Vicente, Avenidas Frederico Ulrich, Marginal e António José Gomes, Largo 5 de Outubro, Estrada Nacional n.º 10, Laranjeiro, Feijó e Corroios. As 22 horas efectua-se um concerto pela banda da Sociedade Filarmónica Incrível Almadaense.

Julgamentos em Madrid

MADRID, 6 — (F. P.) — No tribunal da ordem publica desta cidade, começaram ontem diversos julgamentos por actividades contra o regime.

Quatro operários da A. S. O. (Aliança Sindical Operária) ou da sua filial nas Vascongadas, a Aliança de Euzkadi, compareceram por haverem distribuído nas aldeias mineiras de Leon ou perto de Bilbao, impressos convidando para uma concentração, em 1 de Maio. O ministério publico requereu para cada um dos arguidos penas de 27 meses a três anos de cadeia, enquanto que os patronos pediam a absolvição dos seus clientes.

A acusação requereu seis meses de cadeia para José Martinez Pena, preso em Alicante quando, na via publica, gritava estribilhos a favor da Republica.

Observadores estrangeiros assistem a estes julgamentos, nomeadamente Philip Noel-Baker, deputado trabalhista britânico, e Marc de Kock, advogado belga.

Gravemente ferido com um tiro de pistola

ÉVORA, 6 — Quando se encontrava na Quinta das Fontanas, disparou-se-lhe a pistola e ficou ferido, atravessando-lhe a bala a cabeça, o sr. Domingos Pavão, de 57 anos, natural de Redondo, casado, conhecido negociante de gados, residente na Rua do Raimundo, 25, nesta cidade. Recolheu ao Hospital da Misericórdia, em estado grave.

EXTERNATO DE ALVALADE

SEXO MASCULINO

PRIMÁRIO LICEAL

ENTRE CAMPOS

R. ISIDORO VIANA, 12
TEL. 771965

DIURNO — NOCTURNO

BOSCH
PONTO AZUL
FRIGORÍFICOS
TELEVISORES
DE FAMA MUNDIAL
INDISCUTÍVEL

A PRONTO OU COM FACILIDADES
É SEMPRE MAIS ECONÓMICO NA

Dardo

AV. DA LIBERDADE, 131
RUA DE S. BENTO, 53 - 57
AV. ALMIRANTE REIS, 124 B

GRANDES EMPRESAS
METRÓPOLE OU ULTRAMAR

Oferece-se licenciado muita prática chefia e organização e dominando espanhol, francês, alemão e inglês.

Resposta a este jornal ao N.º 196.

CURSO DOS LICEUS
EXTERNATO FEMININO — DIURNO — NOCTURNO
LARGO CONDE POMBEIRO, 12 — TELEF. 57048
(entre os Anjos e o Campo Santana)

LATINA M/6 anos

AMANHÃ, AS 17.30 HORAS

Grandiosa Corrida de Toiros

CAVALEIROS
MANUEL CONDE
JOAQUIM CORREIA
e o amador **FREDERICO CUNHA**

ESPADAS
JUAN «FACULTADES» • JOSÉ SIMÕES

FORCADOS
AMADORES DE LISBOA
capitaneados por
Nuno Salvação Barreto

3 TOIROS
da ganadaria de Tomás da Costa

BILHETES A VENDA — Em LISBOA na Agência ABEP (Res-tauradores) e em CASCAIS na Rua do Regimento 19, n.º 18 (Tel. 28.10.07) e na Agência ABC (Café Brisa) e na Praça do dia do espectáculo